

**DIÁLOGOS ABERTOS SOBRE SAÚDE SEXUAL: O IMAGINÁRIO SOCIAL
JUVENIL UNIVERSITÁRIO SOBRE PRESERVATIVOS**

**DIÁLOGOS ABIERTOS SOBRE SALUD SEXUAL: EL IMAGINARIO SOCIAL
JUVENIL UNIVERSITARIO SOBRE PRESERVATIVOS**

Beatriz dos Santos Melo

Fundação Oswaldo Cruz - FIOCRUZ

biamelouerj@gmail.com

Paula Giovanini Guimarães

Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca - CEFET

paulagiovaniniestudos@gmail.com

Débora de Aguiar Lage

Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira – CAP UERJ

deboralage.uerj@gmail.com

RESUMO

Apesar de avanços nas políticas públicas brasileiras em relação à saúde sexual e reprodutiva, o conhecimento básico sobre as práticas relacionadas ao uso correto dos preservativos ainda é muito limitado. Este trabalho relata a experiência vivenciada com universitários em uma atividade sobre os preservativos interno e externo. A metodologia, de abordagem qualitativa, envolveu a identificação das concepções dos estudantes, um debate acerca do uso dos preservativos e uma demonstração prática sobre a importância da escolha adequada do lubrificante. A atividade ampliou as possibilidades de discussão sobre o tema, na busca pela saúde sexual e pelo desenvolvimento da autonomia dos estudantes.

Palavras-chave: educação sexual; prevenção; camisinha; IST; método contraceptivo.

Eixo temático: 7. Inclusão e interseccionalidades no ensino de Ciências e Biologia

Modalidade: relato de experiência pedagógica.

RESUMEN

A pesar de los avances en políticas públicas brasileñas sobre salud sexual y reproductiva, el conocimiento básico sobre el uso correcto de los preservativos aún es muy limitado. Este trabajo describe la experiencia con estudiantes universitarios en una actividad sobre los preservativos interno y externo. La metodología, de enfoque cualitativo, implicó identificar concepciones de los estudiantes, un debate sobre el uso de los preservativos y una demostración sobre la importancia de elegir adecuadamente el lubricante. La actividad amplió las posibilidades de discusión sobre el tema, en busca de la salud sexual y el desarrollo de la autonomía de los estudiantes.

Palabras clave: educación sexual; prevención; condón; ITS; método anticonceptivo.

Eje temático: 7. Inclusión e interseccionalidades en la enseñanza de Ciencias y Biología

Modalidad: relato de experiencia pedagógica.

INTRODUÇÃO

O uso de preservativo no Brasil ainda é uma pauta muito recente, devido a sua baixa adesão que persiste ao longo das décadas (Borges; Nakamura, 2009). Sua utilização está intrinsecamente relacionada às vivências sócio-históricas, econômicas, culturais e relacionais dos indivíduos (Heilborn, 1999) e, por isso, ultrapassa a dimensão apenas biologizante e individualista da prevenção em saúde, necessitando que este tema circule em outros meios sociais além das unidades de saúde de cada território.

Desde a década de 80, o debate sobre cuidados com a saúde sexual se tornou uma das maiores preocupações dentro do campo da saúde pública e global devido à epidemia de HIV/AIDS (Agostini et al., 2019). Ao longo das décadas, o Brasil conseguiu avançar significativamente na estruturação e execução de políticas públicas, capazes não só de amparar pessoas que vivem com HIV, mas também de garantir, por meio de ações estratégicas no campo da educação, que essa questão de saúde não ficasse restrita ao assistencialismo (Dantas et al., 2013). Nesse contexto, assim como os movimentos sociais dos anos 90 foram fundamentais para que o debate sobre aspectos sociais fossem inseridos na questão da epidemia de HIV/AIDS (Parker, 1991), a mobilização dos movimentos de mulheres ao longo das décadas, fomentou o debate sobre questões sexuais e reprodutivas, possibilitando que o cuidado com a saúde mulher e da criança pudesse avançar em âmbito nacional e internacional (Souza, 2023). Desse modo, considerando as disparidades entre os gêneros que ainda existem em nossa cultura, torna-se fundamental a inserção de uma perspectiva de gênero no campo da saúde, especialmente da prevenção.

Plutarco et al. (2019) apontam como o uso do preservativo, o conhecimento e desenvolvimento da autonomia sexual é perpassado não só por questões de gênero, mas também de idade, raça, classe e demais marcadores sociais. Dessa forma, o incentivo à corresponsabilidade pela saúde sexual e as formas de prevenção em saúde reprodutiva devem ser aspectos discutidos dentro das escolas e do ambiente familiar, de modo que os jovens possam desenvolver sua própria consciência para a tomada de decisão em relação a negociação acerca do uso dos métodos contraceptivos e como também irão cuidar da

prevenção de IST, principalmente a partir de um olhar mais amplo com a expansão das estratégias de prevenção combinada (Silva et al., 2021).

O campo da promoção de saúde e da educação elucidam muito bem a importância do desenvolvimento de uma educação sexual emancipatória, principalmente por este tipo de abordagem permitir o desenvolvimento de habilidades interpessoais que desvelam a permanência em nossa cultura de muitos vestígios de uma herança patriarcal que perpetua mitos e tabus sobre questões que perpassam a vivência da sexualidade e da reprodução humana (Furlani, 2009). No entanto, muitas vezes, temas ligados à vivência da sexualidade são invisibilizados pelas escolas ou, quando presentes, são abordados a partir da perspectiva biologizante e repressora, baseado em uma pedagogia do terror que torna o debate sobre saúde sexual e reprodutiva um assunto rejeitado por uma parcela dos jovens (Valença; Azevedo, 2022).

Diante dessa bagagem sociocultural pouco estimulante em relação ao desenvolvimento da responsabilidade e autonomia sexual, muitos estudantes chegam às universidades com muitos conhecimentos distorcidos, incompletos ou até mesmo inexistentes sobre o uso correto dos métodos contraceptivos (Castro; Almeida; Rodrigues, 2020). Considerando que o preservativo engloba não somente a questão da contracepção, mas também a prevenção de IST, este trabalho relata a experiência vivenciada em uma atividade desenvolvida pela Liga Acadêmica de Educação Sexual da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (LESex), projeto de extensão universitária em atividade há oito anos, sobre a utilização dos preservativos interno e externo.

METODOLOGIA

O presente trabalho trata-se de um relato de experiência, que visa descrever a experiência vivida sob um viés crítico-reflexivo, ancorado em pressupostos teóricos-metodológicos (Mussi; Flores; Almeida, 2021). O estudo foi conduzido a partir de uma abordagem qualitativa, na busca pela compreensão acerca do uso de preservativos em seu sentido mais amplo, interpretando significados, valores e atitudes (Minayo, 2012).

A atividade foi desenvolvida com alunos do curso de Ciências Biológicas da UERJ, *campus* Maracanã. A atividade contou com a participação voluntária de 10 estudantes recém-ingressos na universidade e outros 5 alunos cursistas de períodos variados. As ações foram conduzidas por quatro membros da LESEX, no Centro acadêmico de Biologia da Universidade, em março de 2023.

A fim de identificar as concepções dos estudantes acerca dos preservativos interno e externo, foi conduzida uma Atividade de Livre Associação (ALA), em que o tema principal é escrito no centro de uma cartolina e os participantes escrevem palavras ou frases relacionadas a esse conceito (Alves-Oliveira, 2008). Esse método possibilita o uso de uma linguagem menos formal, sem se preocupar com formulação de listas ou hierarquias para as informações a serem escritas (Santos; Alves-Oliveira, 2016).

Os estudantes foram organizados ao redor de uma mesa, onde foram expostos os dois tipos de preservativos. Em seguida, utilizando canetas coloridas e uma cartolina em branco, os discentes foram convidados a escrever ideias, pensamentos e noções sobre o uso dos preservativos, de forma compartilhada. Inicialmente, sobre o preservativo interno e depois, utilizando uma nova cartolina, sobre o preservativo externo. Com base nas informações registradas nas cartolinas, os ligantes iniciaram um diálogo sobre mitos e verdades acerca do uso de preservativos, pautado sempre no conhecimento científico, estabelecendo um espaço de discussão sobre o tema.

Posteriormente, foi realizada uma atividade demonstrativa sobre os diferentes tipos de lubrificantes e os cuidados acerca da escolha do tipo mais adequado, para que não haja rompimento do preservativo. Além disso, os estudantes foram orientados em relação a sua utilização, com instruções sobre a maneira correta tanto para colocar quanto para retirar o preservativo, a fim de evitar vazamentos e injúrias. Ao final da atividade, os diferentes tipos de preservativos foram distribuídos aos estudantes.

A coleta de dados foi conduzida a partir da observação direta dos estudantes durante a atividade, como também a partir das informações apontadas nas cartolinas e àquelas registradas durante o diálogo com os ligantes. Os conteúdos foram analisados com base na análise temática proposta por Fontoura (2011).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante a atividade foi possível observar como vários estudantes, independentemente do período cursivo, não apresentavam conhecimentos básicos suficientes sobre o uso correto dos preservativos. Com efeito, estudos no contexto de ensino superior apontam como os estudantes universitários configuram uma população que apresenta diversas vulnerabilidades em relação às IST (Moreira; Paixão; Melo, 2022), contudo, apresentam baixas taxas de uso do preservativo (Gräf; Mesenburg; Fassa, 2020). Destaca-se aqui que a opção pelo uso das nomenclaturas - preservativo interno e externo - foi conduzida a fim

de evitar uma perspectiva cisheteronormativa, contribuindo para que o debate em saúde seja mais inclusivo com outros corpos e identidades, que resistem na sociedade e que também devem ter seus direitos sexuais e reprodutivos garantidos e promovidos por todas as instituições de ensino e de saúde.

A atividade teve início com o preservativo interno, momento em que os estudantes puderam observar a embalagem, o material utilizado na confecção e a presença de lubrificante no interior do mesmo. Em seguida, foram incentivados a escrever suas impressões sobre o preservativo, as quais foram analisadas e categorizadas, de acordo com a análise temática de Fontoura (2011) (Quadro 1).

Quadro 1: Análise das impressões dos estudantes sobre o preservativo interno.

Núcleo temático	Unidade de contexto	Unidade de significado
Políticas públicas	“Posto de saúde”	Facilidade de acesso
Conhecimento	“Não conheço ninguém que já usou” “Já ouvi falar, mas não sei bem como usar.”	Baixa divulgação de informações
Eficácia	“Menos eficaz”	Ineficiente
Relevância	“Método contraceptivo” “Proteção”	Evitar a gravidez
Benefícios	“Colocar antes” “Já usei, fica um pouco sem liberdade por ter que ficar segurando, mas dá mais autonomia, porque evita que homens queiram tirar a camisinha”	Maior autonomia
Limitações	“Perda de sensação” “Menos prazer”	Redução da sensibilidade

Fonte: Os autores, 2024.

Dentre as temáticas elencadas a partir da escrita dos discentes, foi destacada a facilidade de acesso ao preservativo interno (PI) nos postos de saúde, apesar de que, para muitos estudantes participantes da atividade, essa era a primeira vez que estavam diante desse tipo de preservativo (Quadro 1). Com efeito, o PI foi desenvolvido pela médica dinamarquesa Lasse Hessel, no final dos anos 80 e colocado no mercado suíço em 1992, com o nome de *Femidom* (Who, 1997). No Brasil, sua comercialização com o nome de *Reality*, foi autorizada em 1997, tendo distribuição gratuita pelo Sistema Único de Saúde (SUS) somente no ano 2000. Entretanto, além da produção em menor escala, os PI são distribuídos de forma irregular e limitada em diversas unidades de saúde, em um quantitativo inferior a 2% do total de preservativos externos distribuídos pelo SUS¹.

¹ <https://oglobo.globo.com/brasil/distribuicao-de-camisinha-feminina-nao-chega-2-da-masculina-no-sus-23493795>

Apesar de inúmeras pesquisas e ações educativas fomentarem o uso do preservativo, muitos são os entraves à utilização do PI, dentre os quais pode-se destacar: a baixa ou quase nula divulgação, a distribuição limitada nos postos de saúde, a dificuldade de comercialização devido ao seu custo elevado (Gomes et al., 2011). No presente estudo, as unidades de contexto associadas às temáticas “conhecimento” e “eficácia” evidenciaram a falta de informações dos estudantes acerca do PI (Quadro 1). Para Oliveira et al. (2008), a falta de capacitação dos profissionais de saúde está intimamente relacionada à ausência de informações acerca do PI, impedindo a utilização correta do preservativo e aumentando os riscos de contrair IST (Martins et al., 2023).

Em relação à relevância do PI, os estudantes destacaram a importância do PI como método contraceptivo (Quadro 1). Segundo Costa et al. (2014), a maioria das mulheres associa o uso do preservativo como forma de evitar uma gravidez não planejada e não como prevenção para IST. A vulnerabilidade das mulheres às IST é acentuada por características biológicas, questões de gênero, que impõem condições de submissão em relação aos homens, reduzindo o poder de negociação em relação à proteção durante a relação sexual, baixa escolaridade, baixa renda e dependência econômica, especialmente nos países em desenvolvimento (Moura et al., 2021).

O uso do PI foi associado pelos estudantes à perda de sensibilidade e de prazer durante a relação sexual (Quadro 1). Nesse caso, embora para algumas pessoas o uso do preservativo possa reduzir a sensação de prazer (Anticoncepção On-Line²), é fundamental associá-lo ao prazer do sexo seguro tanto em relação às IST, como também à gravidez não planejada (Alves; Lopes, 2008). No entanto, é importante destacar que, na última licitação realizada pelo Ministério da Saúde para a compra de PI, foi considerado o menor preço do insumo, resultando na mudança do material com que o preservativo é fabricado. Desse modo, o PI que era produzido de borracha nitrílica, que é antialérgica, passou a ser feito de látex, que além do risco de causar reações alérgicas, é mais espesso e menos confortável, diminuindo a sensibilidade. Além disso, o novo PI possui uma esponja interna, que dificulta a colocação do preservativo, especialmente para as mulheres que apresentam o colo do útero baixo.

Dentre as principais problemáticas que envolvem a baixa adesão ao PI, destacam-se, além dos fatores supracitados, o pouco incentivo à sua utilização entre mulheres cis, o fator

² <http://www.contracepcao.org.br/site/>

estético (Andrade et al., 2015), a falta de conhecimento acerca da anatomia corporal, assim como, a opinião e dependência do parceiro (Oliveira et al., 2022). Com efeito, ainda vivenciamos muitos tabus sobre a forma como as mulheres cis conhecem e lidam com seus próprios corpos. A falta de uma educação sexual emancipatória, que estimule o autoconhecimento corporal, acaba por impactar no distanciamento físico e simbólico que mulheres cis têm do seu próprio sistema sexual, tendo pouco conhecimento sobre a vulva, a vagina e demais órgãos que compõem seu corpo sexuado. O mesmo olhar de estranhamento vem também de alunos cis que apresentam muito pouca familiaridade em relação à possibilidade de uso do PI.

Apesar de todos esses obstáculos ao uso do PI apresenta muitas vantagens, dentre as quais destaca-se a autonomia da mulher, conforme observado no relato dos discentes (Quadro 1). Além disso, há outros benefícios como o fato de poder ser colocado antes do início do ato sexual, não necessitando, portanto, interromper a relação sexual, pode ser utilizado em associação com lubrificantes, não aperta o pênis e não necessita ser retirado imediatamente após a ejaculação (Kalckmann, 2013).

Em relação ao preservativo externo (PE), os estudantes demonstraram maior familiaridade, de modo que conseguiram escrever suas impressões com maior facilidade, as quais encontram-se categorizadas no Quadro 2.

Quadro 2: Análise das impressões dos estudantes sobre o preservativo externo.

Núcleo temático	Unidade de contexto	Unidade de significado
Políticas públicas	“Distribuídos em postos públicos” “Amplamente distribuídos”	Facilidade de acesso
Relevância	“É visto como o preservativo principal” “Método mais usado para evitar IST”	Preservativo de conhecimento da população
Segurança	“Preservativo do posto são ruins e frágeis, incomodam” “Não possuem a mesma eficácia que os vendidos em farmácias”	Ineficiência dos serviços públicos

Fonte: Os autores, 2024.

Os resultados da atividade voltada ao PE revelam uma menor diversidade de núcleos temáticos quando comparada ao PI. Nesse caso, foi destacado pelos discentes a facilidade de acesso ao preservativo e a sua relevância para a população na prevenção contra as IST (Quadro 2). Com efeito o PE possui distribuição gratuita do país desde 1994 (Espíndula, 2021) e é o método mais recomendado para homens jovens para prevenção de gravidez e IST e HIV/AIDS, devido à ampla disponibilidade e ao baixo custo (Borges et al., 2021).

No Brasil, dados do PCAP (Pesquisa de Conhecimentos, Atitudes e Práticas na População Brasileira) revelaram diversos fatores associados ao uso do PE, como o fato de ser homem entre 15 a 24 anos, receber gratuitamente o preservativo e não morar junto ao parceiro (Brasil, 2016). No entanto, verifica-se uma baixa adesão ao PE em relacionamentos estáveis (Souza; Muñoz; Visentin, 2020).

No que tange à eficácia do PE, a principal dúvida dos estudantes consistiu em saber se o PE fornecido gratuitamente era realmente confiável. Essa insegurança em relação à qualidade e à confiabilidade do PE se baseia em uma lógica liberal, muito presente no senso comum, de que os serviços oferecidos pelo governo estatal para a população são de péssima qualidade, ignorando que a precarização dos serviços estatais é uma estratégia econômica para que a população use os serviços privados. Entretanto, os preservativos oferecidos pelo governo são de alta confiabilidade por passarem por diversos testes de segurança de alta rigorosidade, que garantem sua qualidade.

Um estudo realizado com estudantes do EM mostrou que o conhecimento dos estudantes sobre sexo seguro foi influenciado positivamente pelo fato de conversar com mãe sobre sexo e ter parceiros casuais, enquanto a atitude em relação ao uso do PE foi influenciada negativamente pela maior escolaridade da mãe e ausência de diálogo materno (Rodrigues et al., 2021). Nesse contexto, Martins et al. (2006) aponta que alto nível de conhecimento acerca dos métodos contraceptivos não determina mudanças de comportamento. Dessa forma, ratifica-se aqui a importância da inserção da educação sexual no currículo escolar, a fim de contribuir tanto para o conhecimento quanto para a mudança de atitude dos jovens, reduzindo os riscos de IST e gravidez não planejada.

No segundo momento, os estudantes foram questionados sobre os cuidados ao utilizar um preservativo. Muitos desconheciam ou não se atentavam à verificação da integridade da embalagem, além do fato de nenhum dos discentes ter conseguido elaborar argumentos que justificassem a indicação de não guardar o preservativo na carteira ou em outros lugares apertados e que possam ser expostos ao calor excessivo. Este resultado vai ao encontro do estudo de Ribeiro (2020), que relata que a abordagem limitada e fragmentada sobre sexualidade nas aulas de Ciências e Biologia.

Apenas o discurso “use camisinha” se revela insuficiente para uma adesão e uso correto do preservativo, por isso, destaca-se aqui a relevância de atividades que possam proporcionar um aprendizado mais significativo. Sendo assim, os mediadores

apresentaram instruções práticas detalhadas acerca dos cuidados iniciais ao utilizar um preservativo até o momento da sua colocação na prótese peniana ou modelo pélvico feminino, bem como fazer sua retirada de modo correto. Neste momento foi possível observar que, mesmo os estudantes com mais idade e experiência no âmbito das vivências sexuais demonstraram dificuldades em manusear o preservativo, evidenciando que a dificuldade no uso do preservativo pode perdurar inclusive na vida adulta, sendo consequência da ausência de educação sexual adequada durante o período da adolescência, bem como da falta de outros espaços educativos que possibilitem o desenvolvimento de habilidades sociais e cognitivas relacionadas à sexualidade.

Após o debate, foi realizado um experimento demonstrativo, a fim de ilustrar como diferentes tipos de substâncias, que são comumente utilizadas como lubrificantes, podem interagir com o preservativo. Para tal, foram utilizados dois copos descartáveis onde foram colocados, separadamente, lubrificante a base de água e óleo corporal. Em seguida, dois PE foram abertos e imersos uma em cada copo, durante aproximadamente 40 min. Após esse período, os preservativos foram retirados e introduzidos nos dedos da mão do mediador para verificação da integridade dos mesmos.

Como resultado, verificou-se que a imersão em lubrificante a base de água não alterou a integridade do preservativo, que permaneceu com o mesmo aspecto. O preservativo imerso no óleo corporal foi rapidamente rompido ao ser manuseado, demonstrando que o uso de substâncias oleosas não deve acompanhar o preservativo, devido a interações químicas que comprometem o material do preservativo, tornando-o mais suscetível ao rompimento e aumentando os riscos de IST e gravidez não planejada. Nesse momento, os ligantes orientaram os discentes sobre a importância do uso do lubrificante como política pública em saúde sexual na perspectiva individual e coletiva.

Os estudantes mostraram-se bastante surpresos com o resultado do experimento, agradecendo pelas informações recebidas. Como encaminhamento para o encerramento da atividade foi também debatido a importância da prevenção combinada e da manutenção da carteira de vacinação e dos testes de IST. Alguns alunos citaram a PrEP e a PeP, os estudantes que as conheciam tinham como característica em comum serem pessoas LGBT, o que demonstra que pessoas heterossexuais ainda não desenvolveram a percepção que a questão do HIV também perpassa suas vidas e que, por isso, precisam estar atentas às novas possibilidades de cuidado em saúde disponíveis pelo SUS.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O preservativo desempenha um papel fundamental na promoção da saúde sexual dos jovens, oferecendo uma proteção eficaz contra IST e gravidez não planejada. No entanto, é crucial que os esforços para a promoção da saúde sexual incluam uma educação abrangente sobre o uso correto e consistente do preservativo, bem como a disponibilidade de recursos e de serviços de saúde sexual acessíveis.

A atividade sobre os preservativos realizada com os estudantes universitários foi muito produtiva. Com efeito, oportunizar espaços de debate sobre sexualidade democratiza não somente o acesso a uma educação sexual de qualidade, como também possibilita que novos alunos se comprometam com a temática. Além disso, ao capacitar os jovens a adotar práticas sexuais seguras, possibilitamos que eles desfrutem de uma vida sexual saudável e gratificante, livre de riscos para a saúde e bem-estar.

Nesse contexto, a abordagem não convencional de um conteúdo tradicional da educação sexual, como o preservativo, viabilizou novas possibilidades de diálogo, de interação e de impressões sobre o tema, construindo vivências relacionadas à sexualidade a partir de uma perspectiva positiva, de respeito ao indivíduo e ao coletivo, com foco no desenvolvimento da autonomia sexual e da emancipação dos cidadãos.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINI, R. et al. A resposta brasileira à epidemia de HIV/AIDS em tempos de crise. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 24, n. 12, p. 4599-4604, 2019.
- ALVES, A. S.; LOPES, M. H. B. M. Conhecimento, atitude e prática do uso de pílula e preservativo entre adolescentes universitários. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 61, n. 1, p. 11-7, 2008.
- ALVES-OLIVEIRA, M. F. **Construindo conhecimento sobre nutrientes no ensino fundamental**: elaboração e avaliação de atividades investigativas e sua influência nos hábitos alimentares dos alunos do Rio de Janeiro (Brasil). Tese (Doutorado em Ensino de Biociências e Saúde), Instituto Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2008.
- ANDRADE, S. S. D. C. et al. Knowledge, attitude and practice of condom use by women of an impoverished urban area. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 49, n. 3, p. 364-371, 2015.
- BORGES, A. L. V.; NAKAMURA, E. Social norms of sexual initiation among adolescents and gender relations. **Revista Latino-americana de Enfermagem**, v. 17, n. 1, p. 94-100, 2009.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Pesquisa de Conhecimentos, Atitudes e Práticas na População Brasileira de 15 a 64 anos, 2008**. Brasília: Ministério da Saúde, 2011.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Caminhos para a construção de uma educação sexual transformadora** [recurso eletrônico]. Brasília: Ministério da Saúde, 2024.

CASTRO, J. F.; ALMEIDA, C. M. T.; RODRIGUES, V. M. C. P. A (des)educação contraceptiva dos jovens universitários. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 33, eAPE201901306, 2020.

DANTAS, J. C. O. et al. Sociedade civil: governo e organizações não governamentais: resposta articulada à epidemia de AIDS no Estado de São Paulo. In: BARBOZA, R.; SILVA, V. N. **A diferença na resposta paulista ao HIV/AIDS**. São Paulo: Centro de Referência e Treinamento DST/AIDS, 2013.

ESPÍNDULA, I. A. **A distribuição de preservativo gratuito no Brasil e sua obtenção por homens que fazem sexo com homens**. Dissertação (Mestrado em Epidemiologia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

FONTOURA, H. A. Tematização como proposta de análise de dados na pesquisa qualitativa. In: _____ (Org.) **Formação de professores e diversidades culturais: múltiplos olhares em pesquisa**. Niterói: Intertexto, 2011.

FURLANI, J. **Mitos e tabus da sexualidade humana: subsídios ao trabalho em educação sexual**. 3. ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

GOMES, V. L. O. et al. Percepção de casais heterossexuais acerca do uso camisinha feminina. **Escola Anna Nery**, v. 15, n. 1, p. 22-30, 2011.

GRÄF, D. D.; MESENBURG, M. A.; FASSA, A. G. Risky sexual behavior and associated factors in undergraduate students in a city in Southern Brazil. **Revista de Saúde Pública**, v. 54, n. 41.

HEILBORN, M. L. Construção de si, gênero e sexualidade. In: HEILBORN, M. L. **Sexualidade: o olhar das ciências sociais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. p. 40-58.

[KALCKMANN, S.](#) Preservativo feminino e dupla proteção: desafios para os serviços especializados de atenção às DSTs e Aids. **Temas em Psicologia**, v. 21, n. 3, p. 1145-1157, 2013.

MARTINS, H. K. P. et al. Conhecimento de universitárias sobre o uso do preservativo feminino. **Research, Society and Development**, v. 12, n. 7, e16412742692, 2023.

MARTINS, L. B. M. et al. Conhecimento sobre métodos anticoncepcionais por estudantes adolescentes. **Revista de Saúde Pública**, v. 40, n. 1, p. 57-64, 2006.

MINAYO, M. C. S. Análise Qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, n. 3, p. 621-626, 2012.

MOREIRA, A. S.; PAIXÃO, J. T. S.; MELO, G. C. Universitários e o uso do preservativo como método de prevenção das Infecções Sexualmente Transmissíveis. **Revista Psicologia e Saúde**, v. 14, n. 4, p. 127-142, 2022.

MOURA, S. L. O. et al. Vulnerabilidade de mulheres às Infecções Sexualmente Transmissíveis. **Escola Anna Nery**, v. 25, n. 1, 2021.

MUSSI, R. F. F.; FLORES, F. F.; ALMEIDA, C. B. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Revista Práxis Educacional**, v. 17, n. 48, p. 60-77, 2021.

OLIVEIRA, A. D. S. et al. Comportamento de adolescentes do sexo feminino acerca da utilização de preservativos. **Avances en Enfermería**, v. 40, n. 2, p. 228-240, 2022.

OLIVEIRA, N. D. S. et al. Conhecimento e promoção do uso do preservativo feminino por profissionais de unidades de referência para DST/HIV de Fortaleza-CE: o preservativo feminino precisa sair da vitrine. **Saúde e Sociedade**, v. 17, n. 1, p. 107-116, 2008.

PARKER, R. G. **Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Best Seller, 1991. 295p.

PLUTARCO, L. Wagner et al. A influência da confiança no parceiro na decisão do uso da camisinha. **Psicologia, Saúde & Doenças**, v. 20, n. 1, p. 220-233, 2019.

RIBEIRO, P. N. C. **Educação sexual: aspectos históricos, dilemas e perspectivas**. Rio de Janeiro, Autografia, 2020.

RODRIGUES, V. C. C. et al. Fatores associados ao conhecimento e atitude de adolescentes quanto ao uso de preservativo masculino. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 74, suppl. 4, e20190452, 2021.

SANTOS, M. A. P.; ALVES- OLIVEIRA, M. F. Uma metodologia investigativa para o ensino do distúrbio alimentar anorexia. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**. v. 15, n. 2, p. 215-239, 2016.

SILVA, W. S. B. et al. Mandala da Prevenção Combinada: ferramenta pedagógica no enfrentamento das infecções sexualmente transmissíveis, aids e hepatites virais em Pernambuco. **Saúde em Redes**, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 45-59, 2021.

SOUZA, F. M. A.; MUÑOZ, I. K.; VISENTIN, I. C. Contexto de vulnerabilidade de gênero no uso do preservativo masculino. **Humanidades & Tecnologia em Revista**, ano XIV, v. 20, 2020.

SOUZA, I. A. Os direitos sexuais e reprodutivos da mulher no Brasil na perspectiva do feminismo decolonial. **Cadernos Ibero-Americanos de Direito Sanitário**, [S. l.], v. 12, n. 1, p. 81-91, 2023.

VALENÇA, C. R.; AZEVEDO, M. J. da C. Reprodução, corpo e sexualidades: diálogos curriculares com estudantes do ensino médio integrado. **Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio**, [S. l.], v. 15, n. 2, p. 1147–1169, 2022.

WHO. **The Female condom**: a Review, Geneva 1997.